

ANNATODD

# AFTER

DEPOIS DA ESPERANÇA



Tradução

ALEXANDRE BOIDE  
CAROLINA CAIRES COELHO

PARIS

Copyright © 2014 by Anna Todd

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL After We Fell

CAPA Tamires Cordeiro/ Inspirada no design da capa do Grupo Planeta, Espanha

IMAGEM DE CAPA © Natalie Pelosi/ Getty Images

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Marina Vargas

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Todd, Anna

After : depois da esperança / Anna Todd ; tradução Alexandre Boide, Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: After We Fell.

ISBN 978-85-8439-006-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-04268

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

# 1



TESSA

Não consigo evitar a ansiedade que toma conta de mim quando entro no campus. O campus da wcu de Seattle não é tão pequeno quanto Ken deu a impressão que seria, e todas as ruas em Seattle parecem fazer uma curva e subir e descer morros.

Eu me preparei da melhor maneira possível para garantir que tudo corresse como o planejado hoje. Saí com duas horas de antecedência para ter certeza de que chegaria na hora para a primeira aula. Metade do tempo passei no trânsito, ouvindo um programa de rádio sobre relacionamentos. Eu nunca tinha entendido a graça desses programas até hoje cedo, quando uma mulher desesperada ligou e contou a história de sua melhor amiga, que a traiu com seu marido. E os dois fugiram juntos, levando o gato dela, Mazzy. Aos prantos, ela manteve um pouco da dignidade... Bem, na medida do possível para alguém que ligou para uma emissora de rádio para contar seus problemas. Eu me vi sorri de sua história dramática e no fim tive a sensação de que até ela sabia que ficaria melhor sem aquele cara.

Quando passo pelo prédio da administração para pegar meu cartão de identificação e o passe do estacionamento, tenho só trinta minutos até a aula começar. Estou com os nervos à flor da pele e não consigo afastar a preocupação com a possibilidade de me atrasar para a primeira aula. Por sorte, encontro com facilidade o estacionamento dos alunos, que fica perto da minha sala, então chego com quinze minutos de antecedência.

Quando me sento na primeira fileira, não consigo me livrar de uma leve sensação de solidão. Não encontrei Landon na cafeteria antes da aula, e ele não está do meu lado enquanto sento aqui, nesta sala, lembrando do meu primeiro semestre de faculdade.

A classe se enche de alunos, e começo a me arrepender da minha decisão quando percebo que, a não ser por mim e por outra menina, a turma toda é formada por caras. Pensei em intercalar esse curso — que eu não queria fazer — com outros neste semestre, mas de modo geral, apenas me arrependo por ter escolhido ciência política.

Um cara bonito de pele morena clara se senta em uma cadeira vazia ao meu lado, e eu tento não ficar olhando muito. Sua camisa branca de botões está limpa e perfeitamente passada, e ele usa uma gravata. Parece um político, com o sorriso branco e brilhante.

Ele percebe que estou olhando e sorri.

“Posso ajudar?”, ele pergunta, a voz cheia de autoridade e charme.

Sim, com certeza ele vai ser um político um dia.

“Não, de-desculpa”, gaguejo sem olhar em seus olhos.

Quando a aula começa, eu evito olhar para ele e me concentro em fazer anotações, lendo a programação das aulas várias vezes e olhando para meu mapa do campus até a turma ser dispensada.

A aula seguinte, história da arte, é muito melhor. Eu me sinto mais à vontade cercada por um grupo de alunos mais descontraídos. Um garoto de cabelos azuis se senta ao meu lado e se apresenta como Michael. Quando o professor pede para nos apresentarmos, descubro que sou a única estudante de Letras na turma. Mas todo mundo é simpático, e Michael tem um ótimo senso de humor e faz piadas ao longo da aula, divertindo todo mundo, inclusive o professor.

A aula de escrita criativa é a última, e com certeza a mais agradável. Eu me distraio com a tarefa de escrever meus pensamentos, o que é libertador, divertido, e eu adoro. Quando o professor nos dispensa, parece que só dez minutos se passaram.

O resto da semana passa da mesma maneira. Oscilo entre pensar que estou me adaptando e achar que estou mais confusa do que nunca. Mas, principalmente, tenho a sensação de estar o tempo todo esperando por algo que nunca vem.

Quando a sexta-feira chega, estou exausta e meu corpo todo está tenso. Essa semana foi desafiadora, no bom e no mau sentido. Sinto falta

da familiaridade do campus antigo e de ter Landon por perto. Sinto falta de encontrar Hardin entre as aulas e sinto falta até de Zed e das flores brilhantes do prédio de estudos do meio ambiente.

Zed. Não falo com ele desde que ele me resgatou de Steph e Dan na festa e me levou até a casa da minha mãe. Ele me salvou de ser totalmente violada e humilhada, e eu nem agradei. Deixo de lado meu livro de ciências políticas e pego meu telefone.

“Alô?” A voz de Zed parece tão estranha, apesar de tê-la ouvido há menos de uma semana.

“Zed? Oi, é a Tessa.” Mordo o interior da minha bochecha e espero pela resposta dele.

“Hã... oi.”

Respiro fundo e sei que tenho que dizer por que liguei.

“Olha, me desculpa por não ter ligado para agradecer antes. Foi tudo muito rápido esta semana, e acho que uma parte de mim estava tentando não pensar no que aconteceu. E sei que isso não é uma desculpa... então, sou uma idiota e sinto muito e...” As palavras vêm depressa e mal consigo processar o que estou dizendo, mas ele me interrompe antes de eu terminar.

“Tudo bem, eu sei que você estava passando por muita coisa.”

“Eu deveria ter ligado para você mesmo assim, principalmente depois do que você fez por mim. Não sei nem dizer como me sinto grata por você estar naquela festa”, digo, desesperada para que ele entenda o tamanho da minha gratidão. Eu estremeço ao lembrar dos dedos de Dan subindo pela minha coxa. “Se você não tivesse aparecido, só Deus sabe o que eles poderiam ter feito comigo...”

“Ei”, ele me interrompe com delicadeza. “Eu cheguei antes que qualquer coisa pudesse acontecer, Tessa. Tenta não pensar nisso. E você definitivamente não precisa me agradecer por nada.”

“Preciso, sim! E estou muito magoada com o que a Steph fez. Nunca fiz nada de mal com ela, nem com nenhum de vocês...”

“Por favor, não me inclui entre eles”, Zed diz, claramente um pouco ofendido.

“Não, não, me desculpa. Não quis dizer que você estava envolvido. Só quis me referir ao seu grupo de amigos.” Eu me desculpo por meus lábios se moverem antes de minha mente aprovar as palavras.

“Tudo bem”, ele diz. “De qualquer forma, não somos mais um grupo. Tristan vai para New Orleans daqui a alguns dias, e eu não vi Steph no campus esta semana.”

“Ah...”, faço uma pausa e olho ao redor do quarto onde estou hospedada nessa casa enorme e meio desconhecida. “Zed, me desculpa também por ter acusado você de enviar a mensagem de texto pelo telefone do Hardin. A Steph confessou que foi ela durante o... *incidente* com o Dan.” Sorrio para tentar afastar o tremor que o nome dessa pessoa me causa.

Ele solta um suspiro que pode ser também uma risadinha.

“Tenho que admitir que eu parecia o maior suspeito de ter feito aquilo”, ele responde com gentileza. “E aí... como estão as coisas?”

“Seattle é... diferente”, respondo.

“Você está em Seattle? Pensei que talvez, como o Hardin estava na casa da sua mãe...”

“Não, estou aqui.” Eu o interrompo antes que ele me diga que também esperava que eu não viesse por causa de Hardin.

“Você fez novos amigos?”

“O que você acha?” Sorrio e estendo o braço para pegar meu copo de água pela metade.

“Vai fazer em breve.” Ele ri e eu também.

“Duvido.” Penso nas duas mulheres que estavam fofocando na sala na Vance. Todas as vezes que as vi esta semana, elas pareciam estar rindo e não consegui me livrar da sensação de que era de mim. “Me desculpa por ter demorado tanto para ligar.”

“Tessa, está tudo bem, pare de se desculpar. Você pede desculpas demais.”

“Desculpa”, digo e bato a palma da mão de leve na testa.

Primeiro Robert e agora Zed disseram que me desculpo demais. Talvez eles estejam certos.

“Você acha que vem nos visitar logo? Ou ainda... não podemos ser amigos?”, ele pergunta com delicadeza.

“Podemos ser amigos”, digo. “Mas não faço ideia de quando vou poder ir até aí.” Na verdade, eu queria voltar para casa neste fim de semana. Sinto saudade de Hardin e das ruas menos movimentadas do leste. *Mas espera... por que acabei de dizer “casa”?* Eu morei lá só seis meses.

E então eu me dou conta: Hardin. É por causa de Hardin. Onde ele estiver é a minha casa.

“Ah, que pena. Talvez eu viaje para Seattle em breve. Tenho alguns amigos aí”, Zed diz. “Tudo bem?” Ele pergunta depois de alguns segundos.

“Claro que sim.”

“Legal.” Ele ri. “Vou para a Flórida para ver meus pais este fim de semana. Aliás, estou atrasado para o meu voo... mas quem sabe no próximo fim de semana.”

“Claro. É só me avisar. Divirta-se na Flórida”, digo um pouco antes de desligar. Coloco o telefone em cima de minha pilha de anotações e poucos segundos depois ele vibra.

O nome de Hardin aparece na tela e, respirando fundo e ignorando o frio na barriga, atendo.

“O que você está fazendo?”, ele pergunta imediatamente.

“Hã... Nada.”

“Onde você está?”

“Na casa da Kim e do Christian. Onde *you* está?”, respondo com sarcasmo.

“Em casa”, ele diz de modo casual. “Onde mais estaria?”

“Não sei... na academia?” Hardin tem ido sempre à academia, todos os dias, a semana toda.

“Acabei de voltar de lá. Agora estou em casa.”

“Como foi, Capitão Brevidade?”

“O mesmo de sempre”, ele responde de modo seco.

“Aconteceu alguma coisa?”, pergunto.

“Não. Tudo bem. Como foi o seu dia?” Ele muda de assunto depressa, e me pergunto por quê, mas não quero pressioná-lo, ainda mais porque já me sinto culpada por ter ligado para Zed.

“Foi bom. Longo, acho. Ainda não gosto da aula de ciência política”, resmungo.

“Eu já disse para você desistir. Pode escolher outra aula para sua eletiva de ciência social.”

Eu me deito de costas na cama.

“Eu sei... Vou ficar bem.”

“Vai ficar em casa hoje à noite?”, ele pergunta, e o alerta está claro em sua voz.

“Vou, já estou de pijama.”

“Que bom”, ele diz, e reviro os olhos.

“Telefonei para o Zed há alguns minutos”, digo. Melhor acabar logo com isso. A linha fica em silêncio, e eu espero pacientemente até que a respiração de Hardin se acalme.

“Você *o quê?*”, ele esbraveja.

“Liguei para agradecer por... pelo fim de semana passado.”

“Mas por quê? Pensei que nós estivéssemos...” Percebo que ele não está conseguindo controlar a raiva e respira pesado ao telefone. “Tessa, pensei que estivéssemos tentando resolver nossos problemas.”

“E estamos, mas eu devia isso ao Zed. Se ele não tivesse aparecido quando apareceu...”

“Eu sei!”, ele grita, como se estivesse tentando evitar um assunto.

Não quero brigar, mas não posso esperar que as coisas mudem se esconder as coisas dele. “Ele disse que estava pensando em fazer uma visita”, digo.

“Ele não vai aí. Fim de papo.”

“Hardin...”

“Tessa, não. Ele não vai. Estou fazendo o melhor que posso, tá? Estou me esforçando pra cacete para não perder a cabeça, então o mínimo que você pode fazer é colaborar.”

Solto um suspiro, derrotada.

“Está bem.”

Passar um tempo com Zed não vai ser bom para ninguém, nem mesmo para o Zed. Não posso iludi-lo de novo. Não é justo com ele, e acho que nós dois nunca vamos conseguir ter uma relação estritamente platônica, não na opinião de Hardin, nem na de Zed.

“Obrigado. Seria bom se fosse sempre fácil assim fazer você obedecer...”

*O quê?* “Eu *nunca* vou simplesmente obedecer, Hardin, isso é...”

“Calma, calma, estou só te provocando. Não precisa ficar toda nervosinha”, ele diz depressa. “Tem mais alguma coisa que preciso saber, já que você começou?”



“Não.”

“Ótimo. Então me conta o que está acontecendo naquela rádio de merda pela qual você está obcecada.”

E quando começo a contar sobre uma mulher que estava à procura de seu antigo amor de colégio enquanto estava grávida de seu vizinho, os detalhes engraçados da história e o escândalo que se seguiu, eu me animo e dou risada. Quando começo a contar sobre o gato, Mazzy, estou rindo histericamente. Digo que deve ser difícil estar apaixonada por um homem e grávida de outro, e ele não concorda. Claro, ele acha que o homem e a mulher causaram o escândalo porque quiseram, e faz piada por eu ter ficado tão envolvida com essas histórias do rádio. Hardin ri enquanto vou contando a história, e eu fecho os olhos e finjo que ele está do meu lado.

## 2



HARDIN

“Desculpa!”, Richard diz com a respiração ofegante. Uma camada de suor cobre seu corpo enquanto ele limpa o vômito que escorre do queixo. Eu me recosto no batente da porta e penso se devo ou não sair e deixar ele dar um jeito em sua própria sujeira.

Ele está assim o dia todo: vomita, treme, sua, geme.

“Isso vai sair de meu organismo logo...”

Ele se debruça sobre o vaso sanitário e vomita mais, como um gêiser. Ótimo. Pelo menos, ele chegou ao vaso dessa vez.

“Espero que sim”, eu digo e saio do banheiro. Abro a janela da cozinha para o vento frio entrar e pego um copo limpo do armário. A pia range quando abro a torneira para encher o copo e balanço a cabeça.

*O que diabos devo fazer com ele?* Ele está se desintoxicando no banheiro inteiro. Suspirando pela última vez, pego um copo de água e um pacote de bolacha de água e sal, levo para o banheiro e coloco na borda da pia.

Dou um tapa em seu ombro.

“Come isso.”

Ele faz que sim com a cabeça, concordando — ou por causa dos tremores da abstinência. Sua pele está tão pálida e suada que me faz lembrar de argila. Não acho que comer biscoitos vá ajudá-lo, mas não custa tentar.

“Obrigado”, ele resmungo por fim, e eu o deixo sozinho de novo para vomitar em todo o meu banheiro.

Esse quarto — meu quarto — não é o mesmo sem ela. A cama nunca está bem arrumada quando eu me deito à noite. Já tentei enfiar as pontas do lençol embaixo do colchão como Tessa faz, mas simplesmente não consigo. Minhas roupas, limpas e sujas, estão espalhadas pelo chão, garrafas de água e latas de refrigerante vazias enchem as mesas de cabeceira, e está frio. O aquecedor está ligado, mas o quarto está... frio.

Mando uma última mensagem de texto para desejar boa noite à Tessa e fecho os olhos, rezando para dormir e não sonhar... pelo menos uma vez.

*“Tessa?” Eu chamo do corredor, anunciando que estou em casa. O apartamento está silencioso; há apenas sons suaves no ar. Tessa está no telefone com alguém?*

*“Tessa!” Eu chamo de novo e giro a maçaneta do quarto. A cena diante de mim faz com que eu fique paralisado. Tessa está deitada no edredom branco, os cabelos loiros grudados em sua testa por causa do suor, os dedos de uma das mãos segurando a cabeceira da cama e a outra segurando cabelos castanhos. Enquanto ela mexe o quadril, sinto o sangue nas minhas veias gelar.*

*A cabeça de Zed está enfiada entre suas pernas de pele macia. As mãos dele percorrem seu corpo.*

*Eu tento me movimentar na direção deles para agarrá-lo pelo pescoço e jogá-lo contra a parede, mas meus pés ficam presos no chão. Tento gritar com eles, mas minha boca se recusa a abrir.*

*“Ah, Zed”, Tessa geme. Cubro os ouvidos com as mãos, mas não adianta — a voz dela vai diretamente para o meu cérebro; não tenho como escapar.*

*“Você é tão linda”, ele diz, e ela geme de novo. Uma de suas mãos sobe até os seios dela, e ele a acaricia enquanto a chupa.*

*Estou paralisado.*

*Eles não me veem; nem sequer se deram conta de que estou no quarto. Tessa diz o nome dele mais uma vez, e quando tira a cabeça do meio de suas coxas ele finalmente me vê. Fica olhando para mim enquanto sua língua percorre o corpo dela até o queixo, mordiscando por todo o caminho. Não consigo parar de olhar para os corpos nus deles, e minhas entranhas foram arrancadas do meu corpo e jogadas no piso frio. Não suporto ver isso, mas sou forçado a olhar mesmo assim.*

*“Amo você”, ele diz para ela enquanto sorri para mim.*

*“Também amo você”, Tessa geme. Ela desce as unhas pelas costas tatuadas dele enquanto ele a penetra. Por fim, minha voz sai e eu grito, silenciando os gemidos deles.*

*“Putaquepariu!”, eu grito e pego o copo no criado-mudo. Ele se arrebenta quando o jogo contra a parede.*